

## O QUE FAZER?

É difícil tomar-se uma decisão.

Mil obstáculos, cada um com sua dimensão. Cada um diferente um do outro. Todos, no entanto, intrinsecamente, vulneráveis e impetuosos.

Duas faces. Uma saliente, com vantagem. Outra aparentemente inferior, mais susceptível e dissimulada.

Estamos diante de uma série de atitudes contraditórias. O bom e o mau, o todo e a parte, a liberdade e a caverna.

Aliás, a própria vida se desenrola, em todos os seus meandros, com essas insinuações.

Paremos para pensar, refletir e não teremos outra alternativa, senão convencer-nos de que agir seriamente é aceitar o oposto.

Aliás, procurar a perfeição é admitir a falta de primor, de excelência.

Estamos, assim, configurados nesse imbróglio, nesse sincretismo ou concepções heterogêneas.

O que fazer?

Agora, sim, já podemos vislumbrar ou tentar tomar uma decisão.

Todavia, nos deparamos ou ficamos surpreendidos com outras oportunidades, um pouco mais claras, mas ainda vulneráveis e impetuosas.

Em todos os setores de atividade, inclusive nos mais intrincados ou obscuros, passaremos por fases distintas, mas absolutamente

compreensíveis ou perceptíveis, desde que estejamos em sintonia contínua, no momento certo e circunstâncias propícias.

Mas, finalmente, o que fazer?

Tudo é muito difícil e, por outro lado, nada é impossível.

Assim, é a vida. Estamos sempre procurando entendê-la, decifrá-la, mas sempre terminaremos sem resposta.

Afinal de contas, vamos desistir de tudo? Nada mais se nos apresenta insolúvel?

Estamos, neste instante, no campo metafísico "que é um corpo de conhecimentos racionais (e não de conhecimentos revelados ou empíricos)". Aqui, tudo é sutileza ou transcendência.

O que fazer finalmente?

"Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". João - 8 / 32.

"Porque Deus há de trazer o juízo toda obra e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau". Eclesiastes - 12 / 14.

O resto, é correr atrás do vento, sempre batendo na mesma tecla, insistindo no campo sincrético, onde a confusão se verifica de maneira insustentável, até atingirmos à fase sintética ou percepção clara e imediata de um objetivo pretendido.

Syllas Brasil Cordeiro

## DOR DIVIDIDA

*Pensei que estava só, na minha dor...  
mas ela se distribuiu com gente amiga,  
porque, no meu entorno, egoísmo não se abriga;  
agora sei: todos têm para dar muito amor.*

*Embora tanta angústia, tanto pavor,  
envolta em sofrimentos, é preciso que o diga:  
sentidas orações superaram a fadiga  
e o carinho de tantos minimizou a dor.*

*O coitado, porém, que o crime perpetrou...  
em sua direção, nenhum afeto.  
Faltam-lhe os princípios, as lições*

*que forjam o bom procedimento.  
E, onde esteja, longe ou perto,  
ao invés de carinho, tem reprovações.*

Maria Helena Rebouças

## AMIGO VELHO SOLITÁRIO

Adeilton Arcanjo

*Cala a boca por não poder mais falar,  
Sentimentos ainda existem,  
Necessita mais de amor  
Vive sobre o leito sem ter o mesmo direito ...*

*A idade avançou, velho já ficou,  
Continua crítica, vive penosamente,  
Mas lembra o sofredor,  
Não reclama por amigos.*

*Nunca mais os procurou,  
Não conhece mais seus parentes,  
Mas vive no meio de tanta gente ...*

## C h e g a d a . . .

Meu caminho desembarca o tempo  
Meu recordar atrasa o calendário  
Meus relógios estão adormec-idos  
Prá dominar minha veloc-idade

Meu remédio esca-visa a saúde  
Meu di-vagar acidenta o tráfego  
Meus aviões estão envelhec-idos  
Prá algemar a minha vaidade

Meu coração prece-pita na curva  
Meu alegrar interdita o baile  
Meus atletas estão desvanec-idos  
Prá derrotar a minha primazia

Meu feriado desconstrói a má-quina  
Meu silenciar inquieta a cidade  
Meus decibéis estão ensurdec-idos  
Prá libertar a minha multidão

Meu habitat permanece no-turno  
Meu observar embaça o uni-verso  
Meus candelabros estão enfraquec-idos  
Prá iluminar minha visão de DEUS

Abimael A. Prado  
A pedido de Syllas Brasil Cordeiro

# RETRATO DE UM SORRISO

Laurindo Ferreira

"Atribua-se a cada um o que é seu". Com essa máxima, antigamente, magistrados romanos costumavam prolar suas sentenças em causas judiciais sob julgamento. Com isso, buscavam demonstrar isenção e imparcialidade. Ao mesmo tempo, manifestavam a intenção de atribuir a cada uma das partes nada além do que lhe era devido na questão.

Pois bem! Essa será a trilha de nossa conduta ao emitir opinião a respeito do sorriso de uma colega em sua função de atendimento ao público. Não vamos ser exagerados, asseguramos. Tampouco suspeitos, como possa parecer. Aliás, seremos até modestos nas cores das tintas ao pintar o sorriso de nossa personagem nesta crônica.

Não me parece demais afirmar que o sorriso dela contagia e embriaga as pessoas em seu derredor, seja interlocutor ou apenas circunstante. A cada dia, tenho certeza e ela se convence de que seu sorriso facilita a comunicação, abre portas, nada custa, rende dividendos e até enriquece a quem o

recebe, sem, contudo, empobrecê-la.

Mesmo sem haver defendido tese, nossa personagem sabe que seu sorriso dura um curto lapso de tempo, seu efeito, porém, perdura e vai longe. Pelos frutos já colhidos, acredito que, *vezenquando*, ela se pergunta: "haverá alguém tão rico que não precise de um sorriso? Ou alguém será tão pobre que não o possa dar?" Oportunas interrogações íntimas!

Em cada encontro nosso, concluo que se ela tivesse de cobrar pelo seu sorriso nenhuma moeda sonante teria suficiente valor para pagá-lo. Ademais, nossa personagem não chega a verbalizar, mas deixa transparecer a verdade de que "todos nós precisamos do sorriso, seja dado ou recebido... E, no mundo, quem mais precisa de um sorriso é aquele que já não mais sabe sorrir".

Entenda bem, caro leitor! Sem qualquer outra pretensão, senão de ordem literária, tentamos, aqui, colocar cores num "três por quatro" da meiguice dessa colega

em seus contatos com o público. E, a nós outros, seus admiradores, para melhor legitimar a ternura de seu sorriso, só mesmo com o espocar da rolha de um fino espumante, seguido de um brinde em grande estilo.

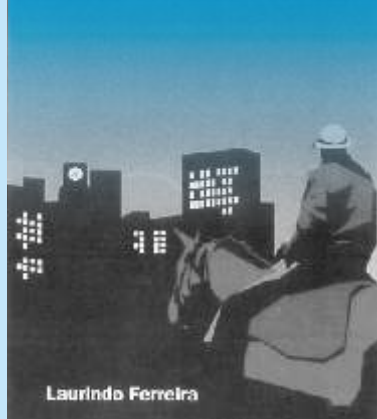
Brindemos, então, o sorriso de nossa personagem, ao qual se soma, entre outros atributos, o castanho de suas íris e pupilas sempre a nos oferecer um olhar enternecido e sensual, *talqualmente* o faz uma gatinha manhosa na hora de se lançar a caminho do aconchego do bichano que lhe povoa o coração.

Fortaleza, 09.nov.07



## Um vaqueiro cronista

Contos e crônicas



O colega Laurindo Ferreira, aposentado do Banco do Nordeste e membro de nosso encontro literário das quintas-feiras, acaba de estrear como escritor ao lançar o livro *Um vaqueiro cronista - Contos e crônicas*. A obra mereceu apreciação do jornalista alagoano, e também escritor, José Rodrigues de Gouveia, nos termos a seguir alinhados.

### "UM LIVRO É UM LIVRO..."

Algumas páginas impressas, reunidas entre duas capas. Eis o livro. Formato igual a milhares de publicações outras com essas características básicas. E fica somente nisso a identidade entre um

livro e outro livro.

No conteúdo, porém, como um livro é diferente do outro!

O poeta insigne já nos ensinara que "o livro caindo na alma é germe que faz a palma, é chuva que faz o mar..." Em "UM VAQUEIRO CRONISTA", Laurindo Ferreira nos apresenta um cotidiano que já conhecemos, ligado à filosofia familiar do Nordeste e à beleza bucólica dos sítios e canaviais, pastos, roças e criatórios que ali se desenvolvem...

Ocorre que, até mesmo na descrição, as figuras apresentadas são diversas entre os vários escritores. Laurindo Ferreira foi capaz de colocar a beleza do seu ambiente nas páginas de um livro.

O touro forte e bem dotado, de chifres aguçados, inconformado com a vida nos pastos do Oiteiro Redondo, se desgarrar e dá grande trabalho aos vaqueiros de elite da fazenda. Recuperado, é condenado a um trabalho "dos seiscentos", e a virar churrasco. Mesmo assim, é tratado com todo respeito.

O sertanejo, que é, antes de tudo, um forte, respeita sempre os corajosos, ensinamentos que Laurindo Ferreira recolheu em seu itinerário vital pelas margens do Velho Chico. E tratou de difundir diferentes belezas através das suas crônicas de jornal, agora imortalizadas no livro que é um convite

ao nosso bom gosto.

Ler essas crônicas é pisar as terras sagradas das margens do rio da "unidade nacional" (vá lá o lugar comum), tomar o leite do Oiteiro Redondo e, aqui para nós, conhecer garotas lindas, tentadoras e irresistíveis como Kate, Kelly e tantas outras.

Como é fácil perceber, Lampião deixou uma onda de revolta que superou o seu desaparecimento do cenário material, causado pela tragédia de Angicos. Conforme a sabedoria popular, entretanto, "morre o homem e fica a fama". Muita gente séria encontrou a figura de Lampião na caatinga. Houve até um sertanejo que teve a coragem (ou loucura) de residir, com a família, vizinho à casa de um dos irmãos do tão impiedoso facinora.

Lendo e analisando a obra de Laurindo Ferreira, ocorre-me aquela verdade, segundo a qual "um livro é um livro". Em essência, no entanto, "UM VAQUEIRO CRONISTA" traz mensagens novas que me levam à realidade dos caminhos que qualquer homem terá percorrido. A minha sensibilidade encontrou ressonância no seu dia-a-dia e me fez identificar os arroubos do autor, admiráveis e marcados pelo espírito nordestino".

Rodrigues de Gouveia

## UMAS LEMBRANÇAS

Nem sei qual o motivo  
 Bateu-me hoje uma recordação.  
 De um tempo passado. Tempos idos!  
 Tempo que não voltará jamais.  
 O mês era junho, mês do São João  
 O ano, era o ano de setenta e quatro  
 Cheguei pela primeira vez à cidade de Salgueiro  
 Junto comigo mais duas florestanas  
 Para trabalhar no BNB. Que beleza!  
 Estávamos meio assustadas, mas felizes...  
 E fomos por todos bem recebidas.  
 Foram dias de maravilhosa convivência  
 Nossos colegas bastante solidários  
 A começar pelo gerente, Sr. Rosálio  
 Passados tantos anos ainda lembro,  
 De todos, um a um vem a minha mente  
 Às vezes dá até uma saudade, de repente...  
 Lembro do Zé Agostinho, gente fina!  
 Sempre alegre, prestativo  
 O Otávio Siqueira, um pouco carrancudo!  
 Mas, era só o seu jeito  
 Na verdade era muito bom sujeito  
 E o Aderbal, sempre chegando atrasado  
 Todos já estavam até acostumados...  
 Maria da Graça, muito vaidosa,  
 Essa não queria muita prosa.  
 Cleide com sua paciência para ensinar  
 As novas tarefas que nós íamos desempenhar  
 Ah! e o João Brito, meio esquentado  
 Me deixava um pouco aperreada  
 Sem esquecer o Leovigildo, vulgo Canecão  
 Muito inteligente, p´ra ele tudo era fácil  
 Não tinha erro não...  
 Também tinha o Damião Gondim,  
 Esse quis fazer gracinhas p´ra mim  
 Lembro-me também do Leonardo  
 Que era um baixinho invocado  
 E o José Carvalho com sua simplicidade

Sempre pronto p´ra conquistar uma amizade.  
 Agora, subindo ao primeiro andar  
 Vamos ver quem vamos encontrar.  
 Temos o Zé Lucena, uma pessoa muito legal  
 Foi meu chefe, por isso tenho por ele  
 Um carinho especial.  
 A Socorro Barros, grande amiga, confidente!  
 Com ela trabalhei diretamente  
 O Vitorino, sempre alegre, sorridente.  
 O Santana que era o chefe do setor  
 Mas não intimidava, não era nenhum terror  
 E o Geraldo, ele era o fiscal, vivia viajando,  
 Quando estava na Agência, ninguém o via conversando.  
 Tinha também o José Tôres, o Zé Bolinha,  
 Era o chefe do cadastro que bem organizado ele mantinha.  
 Ih! Esqueci de falar do Walmir, com sua voz potente  
 Era metido a locutor, e dos bons, certamente...  
 Não falei do Ariosvaldo e do Gaudemiro  
 Que infelizmente já não estão mais aqui  
 Também não falei do Claudionor  
 Pois dele não tenho notícias,  
 Não sei se ainda trabalha ou já se aposentou.  
 E com todas essas pessoas que falei  
 Estávamos, eu, Fátima Martins e Zélia Correia  
 As florestanas na agência de Salgueiro.  
 Hoje é só essa saudade, esse devaneio  
 Desse tempo que foi muito bom. Só agora eu sei...

Maria Auxiliadora N.S.X. Moraes

## Se...

Rudyard Kipling

Se és capaz de confessar o juízo e o sangue frio, quando todos, ao redor de ti, perdem a cabeça e te acusam de perder a tua;  
 Se podes conservar a tua confiança em ti mesmo, quando todos duvidam de ti,  
 e, ao mesmo tempo, tomar em consideração essa desconfiança;  
 Se tens a força de esperar longamente sem cansar-te  
 Se, sendo atacado com mentiras, não te defendes com mentiras;  
 Se, sendo odiado, não odeias os teus inimigos;  
 Se, assim procedendo, não fazes praça de muita virtude e de muita sabedoria...;  
 Se tu podes sonhar e não permites que o sonho te domine;  
 Se tu podes pensar e não te contentas com fazer do pensamento o fim de tua vida;  
 Se, encontrando o Triunfo e a Desgraça, és capaz de encarar

com o mesmo ânimo esses dois impostores,  
 Se tens alma para ouvir a verdade que proferistes falseada por malandros,  
 que com ela procuram entender os tolos;  
 Se tens coragem para ver despedaçarem as coisas que mais amas, e,  
 ainda, para juntar os destroços e reconstruir, com instrumentos imperfeitos, o que delas restar...;  
 Se és capaz de amontoar os teus bens todos, jogá-los num lance de "cara ou coroa", perdê-los e, depois,  
 recomeçar a tua vida, sem dizer palavra sobre a tua perda;  
 Se és capaz de obrigar teu coração, teus nervos, teus músculos a obedecerem-te ainda quando estiverem completamente exaustos e, de perseverar na tarefa iniciada, quando nada mais em ti existir senão a tua vontade,  
 que manda prosseguir...;  
 Se tu podes estar entre as multidões, sem perder a tua personalidade, e caminhar a par com Reis, sem perder a noção da humanidade comum;  
 Se nenhum inimigo, nenhum carinhoso amigo te pode causar dano;  
 Se todos os homens confiam e esperam em ti, embora não confiem cegamente;  
 Se és capaz de encher cada inexorável minuto com sessenta segundos de trabalho acabado; então a Terra será tua, com tudo o que ela encerra e, o que é mais importante: serás um Homem, tu, meu filho!

A Pedido de Edson Gurgel Coelho

## O VELÓRIO DO CORONEL

Conto de José Alberto de Souza

Para não muitos poucos, o coronel Vivaldo iria passar dos cem anos. Não é que de repente a notícia se espalhou e a cidadezinha tornou-se pequena para a quantidade de gente chegante, naquela quinta-feira. Morrera na noite anterior o coronel Vivaldo Marcolino Prates, político tradicional, vindo do império. Estávamos no final dos anos sessenta e ele, ainda lúcido, não abandonara o comando político daquela região, apesar dos seus bem vividos noventa e um anos, recém-completados. Homem pouco letrado, porém astuto, ambicioso e habilidoso no trato com os poderosos do momento e os seguidores. Tinha uma filosofia de vida que repetia amiúde: "Amigo meu não tem defeito; inimigo, se não tem eu boto".

Durante a noite do dia da morte, rezadeiras tradicionais e familiares do falecido rezaram terços e mais terços, além das cantorias religiosas: benditos, hinos e orações populares, como nunca se vira naquelas paragens.

Para o enterro às dezessete horas, chegaram o governador, dois senadores, vários deputados federais e estaduais, cinco prefeitos de municípios vizinhos, inúmeros vereadores, além do prefeito da capital do estado, pretense candidato à governança nas próximas eleições. Dos quinze filhos, três haviam morrido, mas era provável que, na hora aprazada para o corpo do velho coronel descer à tumba, mais ou menos oitenta parentes, entre filhos, filhas, genros, noras, netos, bisnetos e mais duzentos afilhados de batismo, ali estivessem prestando sua última homenagem ao velho patriarca. Choros verdadeiros e de fingimento se misturavam durante as diversas etapas do velório.

Na missa de corpo presente, a igreja da localidade ficou abarrotada de gente e até poucos adversários do coronel se espremiavam entre os assistentes, admirados com o grande prestígio do morto. Após a concorrida solenidade, no cortejo e depois do enterro, formavam-se e desfaziavam-se grupos a comentar a longa vida e as proezas do falecido.

Um homem jactava-se de ter sido amigo íntimo do coronel e dizia: - Ora, certa vez - me contou o falecido - um candidato chegou e propôs que o coronel lhe vendesse dez mil votos. Então o coronel lhe perguntara se ele tinha idéia de quanto isso iria custar-lhe. O candidato então retrucou que dinheiro não era problema. Feito o acerto, o político chegou, dias depois, com duas pastas de dinheiro com cédulas partidas e lhe entregou uma, exatamente aquela

em que as cédulas estavam cortadas em menos da metade. O coronel examinou, mexeu e pediu a outra, pois a tinha achado mais bonita. Mas não era, vangloriava-se o coronel: é que a pasta escolhida continha as células cortadas em mais da metade e que valiam por si sós, sem necessidade da outra parte a ser entregue após as eleições serem apuradas.

Outro cidadão, opositor do ex-chefe político, chamava-o de Coronel Vivaldino, pois dizia publicamente que tudo o que ele conseguia era em benefício próprio, jamais para o povo. Quase gerava um quiprocó a tal afirmação, mas os ânimos foram serenados e o grupo se desfez na multidão, após a chegada inesperada do padre Peixoto, um apaziguador de todas as horas, querido e ouvido por todos, sem distinção de cor partidária, evitando, assim, uma catástrofe no memorável dia do enterro do coronel.

As histórias sobre o passado do falecido se propagavam nas inúmeras rodas espontâneas que se iam formando a todo instante. Numa dessas, um senhor bem velho, parecendo ser da geração do pranteado morto, contava que quando ele era ainda jovem fora nomeado delegado de polícia do município, ocasião em que acontecera um fato bastante curioso. Num dia de feira, quando fervilhava de gente no então lugarejo, um rapaz pisou casualmente no pé do coronel. Ele, então se virara para o pisante e dissera:

- Sabe, cabra, que você está pisando no pé da lei? - e quase prendera o pobre rapaz, não fosse a sua esperteza em fugir do local como um foguete...

Essa pessoa lembrou-se de outro acontecimento bem antigo: a expulsão de um morador do coronel. E foi falando:

- Vocês se lembram do Zequinha da Tonha?!

Os circunstantes se entreolharam e um deles virou-se para o grupo e disse:

- Aquele que foi expulso da Fazenda Cajazeiras?

- Isso mesmo - confirmou o velhinho. E continuou:

- O coronel soube que o traquinas havia cortado alguns cachos de banana e vendido na feira. Esperou, esperou assim uma semana, duas, três e nada de explicação por parte do morador. Chamou o capataz e uns dois trabalhadores da roça e foi à casa do Zequinha. Era meio-dia. Chegando lá, tirou um frasquinho do bolso e foi dizendo: "Zequinha, toma três colheres desse óleo de rícino aqui, agora mesmo,

e vai fazer o "serviço" fora das minhas terras!" O Zequinha tentou fazer-se de desentendido: "Mas, Coronel Vivaldo, eu não estou com prisão de vento, não!" "E quem disse que você estava? Toma logo, senão eu empurro de goela a dentro!" O homem não teve alternativa e tomou o remédio de imediato, para logo a seguir desaparecer para sempre. Quem sabe ele agora não volta? - concluiu o velhinho, olhando em torno dos circunstantes.

Noutro grupo comentava-se que o coronel usava tática de saber sobre a vida particular de seus eleitores ou possíveis aliados, com o propósito de tirar proveito na hora precisa. Disse um dos circunstantes que o falecido, na sua juventude, desvirginara muitas mocinhas filhas de moradores seus. Para uns poucos pais que tiveram a ousadia de reagir, o coronel arranjava um rapazola para casar com essas moças, dando a cada casal um tipo de dote para iniciar sua vida de casados. E assim os possíveis escândalos eram abafados. Com essas atitudes, ele transmitia medo, respeito e temor a todos, e demonstrava o seu poder na comunidade em que mandava e desmandava livremente.

Criminosos convictos, perseguidos da polícia e trapaceiros importantes eram acoitados nas diversas propriedades do recém-morto, onde ele punha seu manto protetor até que os casos desses malfeitores esfriassem.

Na véspera da morte do poderoso cidadão, Teixeira, seu seguidor e bajulador desde priscas eras, homem semi-alfabetizado, foi visitá-lo, como fazia freqüentemente, e perguntou-lhe:

- Compadre Vivaldo, o senhor responde se quiser, mas em quem eu votei nas últimas eleições, aquelas em que Vossa Mercê me deu as chapas já dobradas na hora de votar?

O velho político, ainda lúcido como estava, aprumou-se na espreguiçadeira, pensou um pouco e respondeu-lhe de pronto:

- Compadre Teixeira, Vossa Mercê não sabe que o voto é secreto? - e nada mais disse ao visitante nesse particular.

Mais ou menos às oito horas da noite, após os elogiosos e pachorrentos discursos dos partidários do Coronel Vivaldo, à beira do túmulo, a multidão dispersou-se de mansinho, passando a ouvir apenas os sons distantes de rádios ligados e os miados de gatos nos telhados da pacata cidadezinha, antecedendo o raiar de um novo dia.